

A periferia na televisão brasileira, entre a festa e a violência

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 06 de Julio de 2014 11:28 -

Por Maria Eduarda da Mota Rocha.-

A imprensa internacional já se deu conta da discrepância entre a composição racial brasileira e os rostos que vemos pela TV [nas arquibancadas dos estádios](#), durante os jogos da Copa . A julgar por essas imagens, os desavisados poderiam até pensar que o Brasil é um país de brancos.

Na verdade, a quase ausência de negros e mestiços nas arquibancadas dos estádios reproduz um fenômeno muito antigo: a invisibilidade dos pobres na televisão brasileira.

Até a década de 1970, a TV se voltava a um público quase exclusivamente composto pelas elites e classes médias altas. As tramas e ambientes da telenovela, por exemplo, tinham uma clara função pedagógica: dizer como deviam se comportar e consumir os membros daquelas classes, tanto os mais antigos quanto aqueles que ascendiam socialmente aproveitando-se dos postos de trabalho e oportunidades de negócio abertos pela intensa modernização capitalista do período.

A partir da redemocratização, no final dos anos 1970, os pobres ganharam um maior peso político, passando a contar como uma clientela importante nas eleições e a se organizar na forma de movimentos sociais urbanos, trabalhistas etc.

Mas foi em especial a queda da desigualdade de renda intensificada no começo do século XXI que trouxe definitivamente a periferia das grandes cidades brasileiras para dentro da televisão. O aumento do salário mínimo e as políticas de distribuição de renda abriram caminho para que classes sociais situadas mais abaixo na pirâmide [passassem a contar como consumidoras importantes](#) em mercados de imóveis, eletroeletrônicos, grandes redes de supermercado, alimentos

A periferia na televisão brasileira, entre a festa e a violência

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 06 de Julio de 2014 11:28 -

industrializados etc.

O aumento do consumo popular reflete-se no mercado publicitário como demanda por produtos de mídia especificamente voltados a este público. A TV tem respondido a esta demanda, sobretudo, com programas policiais, que retratam casos de violência ocorridos principalmente na periferia, e que estigmatizam os moradores destes lugares diante de outros públicos e de si próprios. Tratando a violência em chave melodramática, tais programas baseiam-se nas figuras da "vítima" e do "bandido" como tipos extremos, a bondade e a maldade em sua pureza. Desta forma, moralizam um tema que precisa ser analisado sociologicamente e atacado politicamente: as formas pelas quais a violência se reproduz dia após dia, [assentada em condições sociais](#), econômicas, políticas e culturais profundas.

Mais recentemente, uma outra chave de representação dos pobres tem ganhado força nos programas da Rede Globo: a da visibilidade positiva da periferia, que acabou alcançado a telenovela com muito sucesso, como no caso de Avenida Brasil. Mas o seu principal produto é o programa dominical [Esquenta](#), conduzido pela atriz Regina Casé, que se coloca como uma espécie de embaixadora da periferia recebendo amigos para uma roda de samba na TV. É então que vemos negros e mestiços aparecem na tela associados, não ao tema da violência, mas ao da festa.

A dualidade entre a visão do Brasil como lugar de festa e de violência é uma marca profunda da nossa experiência de brasileiros. Desde a criação do mito de que somos um lugar onde não existe racismo, na década de 1930, a cultura parece tentar juntar o que a sociedade separa, e a festa é esse momento de conjunção. Entretanto, em muitas ocasiões, somos obrigados a nos confrontar com a fragilidade dessa sutura. Em maio de 2014, a violência invadiu a festa do Esquenta quando Douglas Silva, um dançarino do programa, foi assassinado com um tiro nas costas [durante uma operação policial em uma favela do Rio](#). O extermínio sistemático de jovens negros e pobres colocou-se como um fato incontornável e a edição seguinte do programa foi dedicada ao tema. Mas aí, o poder de atração da dualidade entre "vítima" e "bandido" foi mais forte, e o esforço foi dirigido a combater um discurso policial segundo o qual o dançarino tinha associação com o tráfico.

A periferia na televisão brasileira, entre a festa e a violência

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 06 de Julio de 2014 11:28 -

Para superar tais dualidades, é fundamental recolocar em pauta [o problema da desigualdade](#) brasileira, gritante sob um ponto de vista político, cultural e econômico, apesar da recente tendência de distribuição de renda. Ela reverbera tanto na forma da violência quanto da festa que busca a sua superação.

Maria Eduarda da Mota Rocha é doutora em Sociologia e professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco

EL PAIS; ESPANHA